

CAPÍTULO XII

BRINCAR PARA PERTENCER: IDENTIDADE E TERRITÓRIO NO QUILOMBO DE PARATIBE

Maria Delian de Araújo Cavalcante¹

Virna Vasconcelos Lopes Sales²

¹EM Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado, João Pessoa, Paraíba, Brasil; mariadelianaraujocavalcanti@gmail.com

²EM Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado, João Pessoa, Paraíba, Brasil; virna.vlopes@professor.joaopessoa.pb.gov.br

Entre o território e a escola: onde nasce o festival

O presente relato de experiência nasce de uma conversa entre professoras, após um momento formativo em nossa escola. Entre reflexões e afetos, emergiu uma pergunta: por que muitas vezes as crianças quilombolas não se sentem à vontade para compartilhar suas brincadeiras? Que silêncios e ausências se manifestam nesses momentos? Como a educação física pode ser um espaço de escuta, acolhimento e valorização das expressões culturais e ancestrais da identidade das crianças quilombolas?

Inspiradas no ensinamento trazido pelas palavras do filósofo quilombola Nêgo Bispo “Aprender, pra mim, é uma pergunta permanente”, nos lançamos a elas. Essas questões, cheias de afeto e crítica, foram o ponto de partida para repensarmos algumas práticas e buscarmos caminhos que pudessem enaltecer a identidade e a história de nossos estudantes, a partir do corpo, do território e da ludicidade.

Assim, surgiu o *I Festival de Jogos e Brincadeiras no Quilombo*, desenvolvido com uma turma de 35 estudantes do 5º ano B da Escola Quilombola Professora

Antônia do Socorro Silva Machado. A escola está situada na Comunidade Remanescente Quilombola de Paratibe, em João Pessoa (PB). Pensamos a atividade como uma prática educativa fundamentada pelos eixos território, identidade e brincadeira. Seu objetivo foi oportunizar às crianças quilombolas e não quilombolas o reencontro com sua ancestralidade por meio de brincadeiras tradicionais e do contato direto com a natureza.

Compreendemos que o brincar é uma linguagem fundamental da infância. Por meio dele, a criança interpreta o mundo ao seu redor. O Festival de Brincadeiras no Quilombo representa uma reinvenção da metodologia dos tradicionais jogos escolares. Propõe a desestabilização de práticas eurocêntricas, ao aproximar o ensino dos saberes e fazeres do quilombo, sob uma perspectiva interdisciplinar. Nesse processo, as vozes das crianças são valorizadas ao narrar seu cotidiano, seus costumes e suas brincadeiras. A atividade fortalece o senso de pertencimento, preserva memórias coletivas e se configura como uma estratégia concreta de combate ao racismo.

Direitos, políticas e o lugar da educação quilombola

A escola é um reflexo das estruturas da sociedade em que está inserida. Por isso, desigualdades, racismo e processos de marginalização que existem fora dos seus muros também se manifestam em seu interior. Essa constatação reforça a urgência de práticas pedagógicas comprometidas com a educação antirracista. Como aponta Candau (2010), historicamente a escola apresenta dificuldades em acolher a diversidade, preferindo muitas vezes a homogeneização e o silenciamento das singularidades culturais e identitárias.

A institucionalização das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 representou um avanço ao tornar obrigatória a presença da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nos currículos escolares. No entanto, sua efetivação exige intencionalidade, formação e engajamento político-pedagógico das instituições e de seus profissionais. Ao considerar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Resolução CNE/CEB nº 8/2012), é possível perceber que os desafios permanecem expressivos: falta de formação específica para docentes, escassez de

material didático que valorize a cultura quilombola e constante invisibilização da história dessas comunidades.

Nesse sentido, Gouveia (2015) destaca que a Educação Quilombola deve ser entendida como um espaço de resistência e afirmação cultural, no qual os saberes comunitários dialogam com as práticas escolares. É com essa perspectiva que se insere a proposta do festival: promover, por meio do brincar e da valorização dos saberes territoriais, o fortalecimento das identidades das crianças negras. Essa ação pedagógica garante representatividade e estimula uma formação identitária positiva.

A identidade, como lembra Stuart Hall (2006), não é fixa ou imutável, mas se constrói continuamente nas relações e vivências ao longo da vida. Para Gomes (2023), a identidade negra se forma nos espaços de convivência — dentro das casas, nas ruas, na escola, no lazer — compondo um mapa de trajetórias sociais e raciais. Em um território quilombola, essa construção é atravessada por desigualdades, estereótipos estéticos e racismo, influenciando diretamente a autoimagem das crianças.

Os quilombos se estruturam a partir de uma organização afroreferenciada, em que o território coletivo preserva a memória e a história do grupo. Le Goff (1994) ressalta que a memória coletiva é essencial para a identidade e para a luta por direitos, sendo transmitida, em grande parte, pela oralidade e por práticas culturais. Nunes e Carvalho (2007) lembram que “dar voz” às crianças vai além de permitir que falem; implica reconhecer e valorizar suas perspectivas singulares.

Nesse contexto, as brincadeiras tradicionais — ligadas ao folclore e marcadas pela oralidade — assumem papel central na valorização cultural (Cória-Sabini; Lucena, 2012). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância de reconhecer a diversidade cultural e as identidades dos estudantes em todos os componentes curriculares. Em Educação Física, propõe-se a valorização das práticas corporais de diferentes matrizes étnico-raciais, como jogos e brincadeiras tradicionais, para ampliar o repertório cultural e combater estereótipos. Em História, orienta-se o ensino voltado à valorização das narrativas afro-brasileiras e à análise crítica das relações de poder.

Assim, o Festival de Brincadeiras no Quilombo alinha-se diretamente às diretrizes legais e curriculares ao articular território, ancestralidade e ludicidade em

uma prática educativa antirracista e decolonial, enraizada no currículo. A atividade reafirma a escola como espaço de resistência e “reexistência”, legitimando os saberes das crianças quilombolas e rompendo com o currículo tradicional.

Como lembra bell hooks (2013), a sala de aula pode ser um “local de possibilidades”, onde ensinar e aprender se transformam em atos de liberdade e resistência frente às opressões. Ao levar os estudantes para aprender no território e com a comunidade, promove-se uma pedagogia de escuta, respeito e valorização das diferenças, comprometida com a luta antirracista.

Do bolinho de areia ao futebol: repertórios compartilhados

O Festival foi planejado de forma colaborativa entre professores e integrantes da comunidade, tendo sido autorizado pela gestão escolar e pelos responsáveis pelos estudantes. Foram organizadas estações de brincadeiras quilombolas, indígenas e afrobrasileiras, roda de conversa e vivências corporais ao ar livre. As atividades foram realizadas no entorno da escola e em espaços naturais do território, explorando o chão da comunidade como campo de aprendizagem. As crianças participaram ativamente da construção das atividades, inclusive trazendo memórias familiares sobre diversas brincadeiras.

As ideias foram emergindo e se conectando, a partir disso foi planejada a realização do nosso I Festival de Jogos e Brincadeiras, reunimo-nos entre professoras para estruturar cada etapa da atividade antes de apresentá-la às crianças. Surgiu, então, a ideia de incluir o caráter competitivo à valorização da participação coletiva. Nesses diálogos, percebemos a importância de resgatar brincadeiras tradicionais praticadas pelas crianças pertencentes ao Quilombo e, ao mesmo tempo, envolver também as brincadeiras populares tradicionalmente conhecidas das crianças quilombolas e não quilombolas, promovendo um espaço de troca e pertencimento.

O entusiasmo foi imediato: as crianças se mostraram animadas com a proposta e passaram a contar os dias para o evento. Para montarmos a tabela de brincadeiras, promovemos uma roda de conversa sobre as brincadeiras mais presentes na vida dos estudantes, e buscamos saber quais eram as suas preferidas. Tivemos como resultado

um vasto acervo de brincadeiras, a partir do qual elencamos as que consideramos representar melhor oportunidade de obtermos o objetivo do festival: bolinho de areia, cabo de força, e futebol.

Um grupo de quatro estudantes, ex-alunas e quilombolas foram convidadas a participarem das atividades ensinando as brincadeiras e contribuindo por meio da autonomia e representatividade com a proposta de valorização cultural, as adolescentes se tornaram parceiras do projeto, auxiliando durante a realização, se mostrando felizes no contexto.

Escolhemos uma manhã de quarta-feira, no ano de 2024, para realizar o I Festival de Brincadeiras no Quilombo. Nosso ponto de partida foi a própria escola, onde nos reunimos com a turma do 5º ano B em uma roda de conversa. Explicamos como a manhã seria organizada: o percurso até o local das atividades, o tempo estimado para cada vivência, os combinados de convivência, a partilha do lanche e a entrega simbólica de medalhas de participação. Também reforçamos o respeito necessário ao adentrarmos um espaço cedido com carinho por uma família da comunidade quilombola.

Seguimos caminhando rumo à Associação do Quilombo de Paratibe. A alegria das crianças já era visível no trajeto. Ao chegarmos, fomos recebidos calorosamente por Joseana, importante liderança da comunidade, e por nossas parceiras de evento. A abertura do festival foi marcada por um convite à observação: pedimos às crianças que olhassem ao redor — as árvores, as casas em formato circular, os sons da natureza, os animais, a areia sob os pés. Esse primeiro contato com o território foi essencial para sensibilizar e conectar as crianças ao espaço.

Figuras 1 e 2 - Estudantes chegando à atividade na Associação Quilombola de Paratibe



Fonte: Acervo pessoal

Iniciamos as atividades com brincadeiras tradicionais ensinadas pelas crianças quilombolas. Com orgulho e entusiasmo, elas apresentaram os “bolinhos de areia”, que logo se transformaram em uma animada competição criativa. Cada criança queria fazer o bolinho mais bonito, mais enfeitado, em uma troca rica de risos e expressões culturais.

Figuras 3 e 4 processo de criação dos bolinhos.



Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida, começamos as competições de jogos coletivos, sem deixar de lado o caráter lúdico. O primeiro jogo foi baleado. Dividimos as crianças em duas equipes, traçamos o campo e utilizamos regras adaptadas que resgatam a essência da brincadeira, promovendo cooperação, socialização e pertencimento. A empolgação foi tanta que, ao final da primeira rodada, a equipe perdedora pediu uma revanche. O campo, de areia preta e barro, fez parte da experiência: as crianças jogavam descalças, rindo, cobertas de terra e alegria.

Depois, partimos para o cabo de guerra. Com uma corda e equipes equilibradas, a disputa aconteceu com muita animação. Gritos de incentivo e risadas marcaram o momento. Por fim, encerramos com o futebol — uma paixão comum entre crianças, jovens e adultos. Meninos e meninas jogaram juntos, envoltos sem querer que a atividade chegasse ao fim.

Encerramos as atividades com um lanche coletivo, cheio de trocas, conversas e afetos. Como surpresa final, convidamos todos para receberem suas medalhas de participação, acompanhadas de bolo de chocolate e kits de balas. Para selar o dia, tivemos nosso tradicional banho de mangueira, um momento de pura diversão que ficou

gravado na memória afetiva de todos.

Ao retornarmos para a escola, o clima era de pura alegria. As crianças recontaram momentos e já sugeriram uma segunda edição do I Festival de Brincadeiras no Quilombo. Para nós, educadoras, ficou a certeza de que essa experiência foi transformadora, fortalecendo vínculos, saberes e pertencimento.

Figuras 5 e 6 - Grupo de estudantes nas atividades do I Festival de brincadeiras no Quilombo.



Fonte Acervo pessoal.

O processo metodológico valorizou a oralidade e o diálogo entre gerações como meios de ensinar e aprender, inspirando-se nos valores civilizatórios africanos. A mandala com esses valores, produzida por turmas da escola em 2016 sob orientação do professor Plínio Dias (PPP, 2023), orientou a integração das brincadeiras aos conteúdos escolares, fortalecendo a cultura local e promovendo um ensino afetivo e contra-hegemônico.

Nesse sentido, atividade realizada se configura como uma prática educativa antirracista e territorializada, ao permitir que crianças, quilombolas e não quilombolas, entrem em contato direto com saberes ancestrais deste território. Ao trazer para o centro práticas culturais ignoradas pelo currículo tradicional, a experiência rompe com o modelo eurocentrado e reforça a identidade negra, favorecendo o pertencimento e o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos.

Entre o agora e o que virá: sementes plantadas

A realização do I Festival de brincadeiras no Quilombo gerou impactos significativos no desenvolvimento dos estudantes, promovendo avanços não apenas no engajamento e participação, mas também na valorização das identidades culturais. Houve expressões espontâneas de alegria, curiosidade e pertencimento.

Muitas crianças relataram reconhecer brincadeiras que seus avós haviam ensinado, resgatando memórias familiares que fortaleceram seus vínculos com o território. Entre as crianças quilombolas, foi visível o sentimento de orgulho ao ver seus saberes tradicionais sendo valorizados em um espaço escolar. Já entre os estudantes não quilombolas, surgiram reflexões importantes. Um exemplo marcante foi o relato do estudante D., que disse: “Professora, eu achava que as pessoas que moram aqui eram pretas porque ficavam nessa areia.” Essa fala, ainda que carregada de preconceito inconsciente, abriu espaço para conversas sobre racismo, pertencimento e a importância de respeitar as diferentes origens e histórias. O estudante D. finalizou dizendo: “eu queria morar aqui”.

A vivência coletiva e o contato com a cultura local demonstraram o poder do brincar como ferramenta de afirmação da vida e construção de identidades. Mais que recreação, o a atividade realizada se consolidou como uma prática antirracista ao valorizar os saberes ancestrais e articular território, identidade e ludicidade, fortalecendo a escola como espaço de pertencimento e reconhecimento das infâncias quilombolas. Que esse seja apenas o início de muitos encontros entre escola, cultura e território.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: INCTi, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, n. 229, p. 48, 28 nov. 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de

dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008.

Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado. **Projeto Político Pedagógico.** João Pessoa, 2023.

CANDAU, V. M. F. ; OLIVEIRA, L. F. **Pedagogia Decolonial e educação anti-racista e intercultural no Brasil.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, p. 15-40, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart.. **A identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como a prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOUVEIA, M. Educação Quilombola e Identidade Cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 64, 2015.

NUNES, Ângela; CARVALHO, Maria Rosário. Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Infância. *In: Anais do Encontro da ANPOCS*, N. 31. Caxambu, 2007.

Sobre os Autores e Autoras

Virna Sales. Mestranda em Ciências da Linguagem - Universidade Católica de Pernambuco; Especialista em Gênero e Diversidade na Escola - UFPB; Graduada em Pedagogia - Universidade Vale do Acaraú; Professora Pedagoga da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.

Maria Cavalcante. Especialista em Educação Física Escolar “Lato Sensu” - Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa; Graduada em Licenciado em Educação Física-UFPB; Professora de Educação física da Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro Silva Machado.